



Criados e Amados

Um guia para escolas Católicas sobre **identidade** e **género**

Tradução do original em inglês:
Created and Loved: A guide for Catholic schools on identity and gender
©2022 Australian Catholic Bishops Conference
www.catholic.org.au

Traduzido do inglês: Ana Sofia Sá
Revisão: Juan Ambrosio, Susana Sá e P. Luís Marinho

INTRODUÇÃO

Uma escola Católica é uma comunidade particular de fé chamada a testemunhar e a viver de acordo com o Deus de amor como é revelado em Cristo Jesus. Cada escola, e cada autoridade de governo no âmbito da qual a escola se situa (seja paróquia, diocese, congregação, Pessoa Jurídica Pública) terá a sua forma particular de expressar, por palavras e ações, a missão comum a todos os ministérios dentro da vida da Igreja.

Porque cada um de nós participa na alegria de uma missão partilhada, temos a obrigação de nos apoiarmos uns aos outros face a desafios comuns e oportunidades.

O material que a seguir se apresenta oferece um guia de suporte para a tomada de decisão, no contexto do cuidado individual dos estudantes, no que diz respeito à identidade e ao género. Está pensado para líderes de escolas católicas, incluindo diretores, professores e párocos, quando apropriado, na medida em que trabalhem, no seu contexto local, sobre algumas considerações inerentes a estas questões.

O título está inspirado no profeta Isaías:

*Assim diz o Senhor:
Quem te criou...
Quem te formou...
Não temas, pois eu te redimi;
Eu chamei-te pelo teu nome,
Tu és meu.
És precioso aos meus olhos,
e honrado, e eu amo-te,
(Isaías 43,1.4)*

O profeta Isaías chama a atenção para uma verdade universal: cada um de nós é convocado pelo Criador amoroso que nos formou e nos chama pelo nome. Este guia não é um documento teológico, embora tome como ponto de partida a verdade expressa na tradição católica, segundo a qual cada pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, juntamente com todas as outras pessoas humanas, é igual em valor e dignidade, e é preciosa aos olhos de Deus.

CONTEXTO

A sociedade em que vivemos e trabalhamos vê atualmente o mundo e o nosso lugar nele a partir de várias perspetivas. Pontos de vistas diferentes, e por vezes mesmo entrando em conflito, sobre o que significa ser humano, inevitavelmente criam diversos entendimentos sobre o sexo e o género. Alguns desses pontos de vista influenciaram significativamente as perceções sociais e a legislação, tal como tiveram impacto nos cuidados de saúde e na educação, tendo também implicações para as escolas católicas, tanto no que diz respeito ao cuidado pastoral como ao currículo. Para os diretores e líderes de equipas é muito importante estarem atualizados sobre estas tendências sociais em mudança, de modo a assegurar que os seus colaboradores e as comunidades escolares estão bem fundamentados e adequadamente formados nos princípios de uma antropologia cristã, partilhada por todos.¹

Os líderes das escolas Católicas são responsáveis por orientar os estudantes através das oportunidades e desafios da cultura contemporânea, com um espírito de discernimento, compromisso e cuidado. Na Austrália, durante a última década, o número de crianças e jovens que vão a clínicas de género tem vindo a crescer de forma constante.² Tem havido um aumento dramático no número de crianças e jovens a experienciar, ou a experimentar, um género diferente do seu sexo biológico. A inconformidade de género é o termo genérico utilizado para descrever a identidade de género, expressão, ou qualquer comportamento discordante com o género, incluindo uma expressão não binária de género.³ O desejo da criança ou do jovem de ser do sexo oposto é, frequentemente, um indicador de inconformidade de género.⁴

Algumas crianças ou jovens irão sentir uma discordância entre o seu sexo biológico, por um lado, e a ideia que têm acerca do seu género, por outro. Isto pode levar à angústia, especialmente à medida que se desenvolvem, exigindo apoio especializado. A inconformidade de género, a estes níveis, poderia ser descrita como incongruência de género. Quando o nível de angústia prejudica o comportamento 'social, escolar, ou em outras áreas importantes' do jovem, torna-se clinicamente significativo e é chamado disforia de género.⁵

Dentro deste ambiente, é normal que nas escolas Católicas se possam encontrar estudantes que estão a experienciar diferentes níveis de inconformidade de género. Pode haver estudantes que tenham um diagnóstico formal e que estejam sob o cuidado de uma equipa médica especializada que providencia tratamento médico e/ou apoio psicológico. Outros estudantes podem não requerer intervenção médica, mas desejam frequentar a escola com uma identidade de género diferente. Algumas escolas podem ter um colaborador, ou um familiar de um estudante, que tenha uma autocompreensão semelhante.

Tais situações podem dar origem a questões difíceis - teológicas, filosóficas, médicas, éticas, legais, psicológicas, educacionais e pastorais. As escolas e os pais têm o dever de cuidar de todas as crianças e jovens (muitos dos quais se sentem vulneráveis), bem como dos colaboradores.

Os princípios delineados no presente documento podem ser relevantes e úteis nestas situações, no entanto, os líderes escolares, no caso destas necessidades surgirem, são encorajados a contactar o gabinete de educação Católica apropriado para aconselhamento e apoio. A autoridade de Educação Católica competente deve desenvolver políticas e protocolos de colaboração em diálogo com as legítimas autoridades de governo e com os diretores das escolas da sua diocese.⁵ Os diretores e professores deveriam sempre sentir-se apoiados e acompanhados quando confrontados com estas circunstâncias.

Dados científicos sugerem insistentemente que, para a grande maioria das crianças e adolescentes, a incongruência de género é uma condição psicológica pela qual passarão em segurança e com naturalidade com o apoio psicológico adequado:⁷ os estudos referem que entre 80-90% das crianças pré-pubescentes, que parecem não estar de acordo com as expectativas sociais de género, não apresentam incongruência de género a longo prazo.⁸ Esta maioria é por vezes referida na literatura como sendo constituída pelos *desisters* (*desistentes*), enquanto que aqueles que pertencem à minoria que continua na adolescência com sintomas de angústia são referidos como *persisters* (*persistentes*).⁹

Ao procurar cumprir o seu dever de cuidar de um estudante com inconformidade de género, um diretor pode experimentar uma pressão substancial decorrente da incerteza sobre a natureza da inconformidade de género; das antropologias concorrentes de sexo e género; dos pressupostos

implícitos na retórica dominante em torno do género; e da necessidade de aprofundar a missão da escola de viver o evangelho do amor de Deus por todas as pessoas. Embora este documento aborde todos estes temas, não os pode desenvolver todos de forma exaustiva.

Uma escola Católica tem a responsabilidade de criar um ambiente acolhedor a uma vida de fé, que pode ser expressa de múltiplas formas. Para que uma cultura de um testemunho vivo Católico possa prosperar, a linguagem dos líderes escolares é fundamental para encorajar uma celebração de cada indivíduo na sua singularidade, equilibrada com a dinâmica de toda a comunidade. Devido a esta saudável diversidade e testemunho, os líderes escolares serão diligentes em resistir à incursão dos lobbys políticos, posturas ideológicas, organizações e movimentos em oposição com a missão, linguagem e símbolos da escola. Para o bem de toda a comunidade, por vezes, um diretor deverá respeitosamente declinar o envolvimento de tais movimentos ou organizações na vida da sua escola Católica.

Todas as escolas desejam, naturalmente, proporcionar um eficaz cuidado pastoral aos estudantes com inconformidade de género. Ao mesmo tempo é importante notar que, enquanto as motivações por detrás de algumas iniciativas pastorais são boas e louváveis, o uso de ideias, palavras e imagens que estejam em conflito com a generosidade da visão cristã deve ser respeitosamente evitado. A retórica popular em torno da inconformidade de género por vezes aceita perceções de sexo e género que são inconsistentes com uma compreensão cristã: que o género é algo totalmente separado de sexo biológico; que o sexo é arbitrariamente atribuído em vez de ser (geralmente) um dado do dom da vida; e o conceito de que o género pode ser fluido e oscilar entre identidade de género masculina ou feminina, de acordo com uma escolha pessoal subjetiva.

A fim de cumprir o seu dever de cuidadores, como devem fazer com todos os seus estudantes, os líderes Católicos devem procurar compreender as necessidades do estudante e o âmbito completo de opções de apoio. Se for sugerido a uma escola que o único caminho a seguir é o de simplesmente afirmar o género escolhido pelo aluno, a liderança escolar deve cautelosamente guiar-se pela antropologia a seguir descrita.

Este documento estabelece orientações para políticas e protocolos compassivos e bem definidos. Oferece orientações específicas para que os líderes das escolas Católicas tenham um enquadramento no qual possam fazer julgamentos prudenciais em circunstâncias específicas. Documentos políticos e protocolos, com base neste enquadramento, devem fornecer declarações fundamentadas e princípios pastorais que articulem claramente a visão Católica e a compreensão da pessoa humana.

As seguintes secções do documento fornecem conteúdo e estrutura para ser usado à medida que cada instituição educativa desenvolve diretrizes adequadas às suas próprias circunstâncias.

- A** Fundamentos: Entendimentos antropológicos e teológicos sobre sexo e género
- B** Princípios Pastorais: Princípios chaves que devem dar forma às diretrizes
- C** Protocolos Práticos: Passos sugeridos a considerar pelas escolas
- D** Definições

A. Fundamentos: Entendimentos antropológicos e teológicos sobre sexo e gênero

Antropologia cristã

As escolas Católicas partilham a visão Cristã da pessoa humana, dirigida para a dignidade e o desenvolvimento de cada um de cada um, o que distingue a abordagem da escola Católica de outras abordagens educativas.

A compreensão da 'antropologia Cristã' é um ponto de partida essencial, a fim de responder, com verdade e amor, aos jovens que podem experimentar confusão ou angústia acerca do seu gênero, e que estão ao cuidado das escolas Católicas. Sem o domínio dos elementos essenciais para a compreensão Cristã da pessoa humana teremos dificuldade em responder bem a cada criança, à sua família e à comunidade escolar. Responder bem requer uma visão alargada sobre as nossas esperanças e aspirações para o bem de cada aluno que está ao nosso cuidado

Esta visão começa com o entendimento Cristão de que todo o ser humano é de natureza tanto física como espiritual.

O sexo de um ser humano é uma realidade física, biológica. O sexo é como os corpos dos seres humanos estão organizados em relação à sua função reprodutiva. O sexo biológico de cada pessoa desenvolve-se no útero desde a concepção, com processos genéticos e hormonais complexos que se combinam para dar a cada pessoa um conjunto único de características masculinas ou femininas. Com exceção de casos raros de pessoas nascidas com uma combinação de características biológicas de ambos os sexos, masculino e feminino, todo o ser humano nasce biologicamente masculino ou biologicamente feminino.

Os indivíduos experimentam e expressam o seu sexo biológico - a sua masculinidade e feminilidade - numa vasta variedade de maneiras. Este sentido do próprio sexo é frequentemente referido como o seu gênero pessoal. O gênero, neste sentido, pode ser influenciado por uma série de experiências e expectativas iniciais na família e na escola, nas redes sociais e na cultura e sociedade em geral.¹⁰ Nesta linha, o gênero também pode mudar ao longo do tempo e variar tanto entre indivíduos como entre diferentes culturas. Estereótipos culturais rígidos de masculinidade e feminilidade são, assim, infelizes e indesejáveis porque podem criar uma pressão injustificada sobre as crianças para se apresentarem ou comportarem de determinadas maneiras.

Há uma variedade natural na forma como os indivíduos experimentam a sua masculinidade ou feminilidade. Além disso, as crianças experimentam, com frequência, várias expressões na sua maneira de sentir-se como masculinas ou femininas. Algumas crianças podem sentir confusão, até mesmo angústia, causada por sentimentos de discordância ou incongruência entre o seu sexo biológico e o que sentem ser o seu gênero. Algumas chegam a ser diagnosticados com "disforia de gênero". É importante notar que qualquer grau de incongruência de gênero só pode ter significado em referência ao próprio sexo biológico.

O sexo biológico e o papel sociocultural do género podem ser distinguidos, mas não podem ser completamente separados.

Todas estas ideias são acessíveis à razão humana sem ajuda da fé. Ou seja, estes são aspetos da natureza humana acessíveis ao nosso entendimento quer tenhamos, ou não, uma fé religiosa. A escola Católica é um lugar de respeito e celebração tanto da fé como da razão.

Enriquecendo esta antropologia "filosófica" está a perspetiva "teológica" complementar de que os seres humanos são criados à imagem e semelhança de Deus¹¹, de que são criados masculino e feminino¹², de que os seres humanos são seres "relacionais", criados para a amizade com Deus e com os outros¹³ e de que a complementaridade entre masculino e feminino faz parte da bondade da criação.¹⁴

Na visão Cristã, a pessoa humana é uma parte essencial da bondade da criação, e nós somos cuidadores de tudo o que Deus nos dá, desde a mais pequena das criaturas, até à singularidade do nosso próprio corpo.¹⁵

Tudo o que encontramos na natureza é uma frágil dádiva que deve ser respeitada, como o Papa Francisco vigorosamente nos lembra.¹⁶

Na extraordinária beleza da criação, cada pessoa humana única, masculina ou feminina, deve ser recebida e apreciada, protegida e alimentada, respeitada e acarinhada. Os Cristãos estão empenhados em respeitar a dignidade de cada indivíduo. Nenhuma pessoa humana deve ser diminuída ou desvalorizada, e todas têm um papel indispensável a desempenhar na comunidade humana, independentemente das suas diferenças.

Esta antropologia Cristã tem implicações importantes para o que significa responder, com verdade e amor, uns aos outros. Exige que respeitemos o valor de cada pessoa em cada momento da sua existência – desde a conceção até à morte - independentemente de quem seja ou de como se apresenta ao mundo. Pede-nos também para ver cada pessoa de forma holística, em vez de procurar defini-la apenas por um aspeto da sua identidade.

Qualquer programa educativo relevante e o cuidado das pessoas numa escola Católica devem ser fieis a esta Antropologia Cristã.

B. Princípios Pastorais

Ultimamente têm sido aceites, na lei e na prática da medicina Australianas, pontos de vista antropológicos contrastantes sobre a sexualidade humana e o género. Daqui resultou a situação de que a mera crença duma criança sobre si própria - incluindo a sua raça, sexo ou género - pode determinar a sua identidade. A ideia de que o sexo de uma criança possa ser atribuído, talvez por outros, à nascença ou antes, está a ser rapidamente aceite como corrente dominante na sociedade australiana.

Nalguns contextos importantes, a noção de sexo biológico está a ser substituída na lei pela identidade de género. Uma vez aceite a identidade de género como atribuída, pode mais tarde ser reatribuída através de medicação, por cirurgia, ou simplesmente por vestuário e linguagem (transição social). Este ponto de vista, que procura estabelecer a incongruência de género pela simples afirmação e normalização do autoconhecimento da criança, é conhecido como o *modelo afirmativo* de género.¹⁷ Ao mesmo tempo que fornece apoio psicológico, esta intervenção médica consiste frequentemente na utilização de bloqueadores da puberdade seguidos de hormonas sexuais do sexo oposto, e para alguns, quando já são mais velhos, de cirurgia de mudança de sexo. Em muitos casos, este tratamento causa infertilidade permanente.¹⁸ Atualmente, a cirurgia de mudança de sexo tornou-se, na Austrália, a forma dominante de tratamento oferecida às crianças e adolescentes diagnosticados com disforia de género, ou identificados como experimentando incongruência de género.¹⁹

Muitos médicos e profissionais de saúde não defendem esta forma de tratamento, considerando-a medica e eticamente controversa. A ética médica tradicional e os ensinamentos da Igreja Católica sustentam que os profissionais de saúde não devem desativar ou destruir sistemas ou órgãos corporais saudáveis, ou executar e/ou aconselhar ações que tornem uma pessoa incapaz de ser pai ou mãe de uma criança. Há também sérias preocupações em relação à capacidade de uma pessoa jovem consentir com estes tratamentos, bem como preocupações com a segurança da utilização de bloqueadores da puberdade e hormonas sexuais do sexo oposto em crianças e adolescentes, particularmente quando muitos estudos científicos continuam a registar a ausência de dados longitudinais fiáveis acerca desta abordagem.²⁰ A comunidade escolar tem a responsabilidade de evitar a cooperação com ações que arrisquem danos desnecessários, ou que limitem as futuras possibilidades de um estudante ter um desenvolvimento e crescimento humanos saudáveis.

Um número crescente de profissionais de saúde apoia o modelo *biopsicossocial*, que é menos invasivo e mais alinhado com uma cosmovisão católica, mais centrada na família e com uma abordagem mais holística.²¹

Neste modelo, os profissionais promovem apoio psicológico contínuo para a criança ou o jovem através do envolvimento das famílias e de inquéritos minuciosos sobre as suas dinâmicas familiares. A sua investigação, juntamente com um conjunto substancial de trabalhos, revela uma alta correlação entre a incongruência de género na infância e as dinâmicas familiares, incluindo o que é conhecido como "eventos infantis adversos".²² Ao descobrir as histórias da criança e da sua família, os profissionais de saúde são capazes de compreender a variação de género sentida pela criança ou o jovem dentro do contexto familiar e do seu ambiente doméstico. Tratam as experiências de infância adversas juntamente com a incongruência de género, utilizando um modelo de trauma modelado por cuidados de saúde mental.²³

É importante que os líderes das escolas Católicas não só estejam cientes do desacordo relacionado com as formas de tratamento que podem ser oferecidas ao indivíduo, mas também reconheçam que a comunidade escolar é um microcosmo da nossa sociedade, uma sociedade que tipicamente vê o género como uma construção social e que adotou amplamente a ideia de que a mais íntima conceção de cada pessoa acerca de si mesma determina a sua identidade de género.²⁴ Estas recentes alterações sociais na definição e linguagem estão em conflito com a compreensão Católica da Criação, na qual cada ser humano é criado bom e é amado incondicionalmente como é. Cada vida é um dom com um objetivo e significado inerentes que devem ser descobertos e celebrados.²⁵

Como é que os líderes das escolas católicas devem gerir estas tensões e criar um sentido de equilíbrio e harmonia para o seu pessoal, estudantes e famílias?

O reconhecimento da verdade do evangelho de que somos chamados a ter vida e a tê-la em abundância (Jo 10:10) é fundamental para as escolas Católicas, juntamente com o nosso compromisso de cuidar do todo da pessoa: espiritualmente, emocionalmente, socialmente, intelectualmente e fisicamente. Tal olhar abrangente vê as comunidades escolares caminhando ao lado ('acompanhar') dos seus estudantes à medida que crescem e amadurecem. Oferecem aos estudantes oportunidades de sobressair, florescer, e idealmente convidam-nos a verem-se como Deus os vê. É uma visão de esperança e promessa, inclusiva e acolhedora de todos, abraçando a fraqueza e acompanhando a fragilidade.

É necessária uma comunidade para concretizar esta visão. Uma comunidade construída sobre relações amorosas autênticas que valorizam a dignidade inerente a cada um dos seus membros.

C. Protocolos Práticos

Os líderes escolares são aconselhados a seguir as seguintes considerações e protocolos práticos ao responder às necessidades pastorais únicas de um estudante que se apresente com preocupações relativamente à sua identidade, sexualidade e género.

Princípios Chave

Os seguintes princípios são fundamentais para que as instituições educativas católicas possam construir comunidades que sejam testemunhas desta visão pastoral, especialmente na área do cuidado de estudantes que experimentem inconformidade de género. Os líderes da educação Católica, consultando os bispos e as demais legítimas autoridades da Igreja, as autoridades de governo e diretores de escola, são aconselhados a basear as suas orientações e respostas pastorais nos seguintes princípios chaves:

1. As escolas Católicas devem esforçar-se por ser fortes comunidades de fé, onde o amor de Deus é testemunhado através do cuidado, do respeito e do amor, demonstrados pelos colaboradores, com aqueles que estão ao seu cuidado. Uma educação que promova o todo da pessoa deve ser realizada num ambiente de relações respeitadas.
2. Os líderes escolares devem proporcionar a todos os colaboradores uma permanente formação na antropologia cristã e sexualidade humana, promovendo a visão Cristã da pessoa, como ser relacional, criado à imagem e semelhança de Deus, e florescendo apenas quando é parte de uma comunidade.
3. Os líderes escolares devem esforçar-se por estarem informados e serem conscientes da legislação relevante e em vigor, juntamente com os dados da investigação na área da medicina e da saúde, de modo a facilitar a tomada de decisões precisas e atualizadas.

4. Os colaboradores devem esforçar-se por estabelecer uma relação segura e de confiança com o estudante que apresente preocupações acerca da sua identidade, e com a sua família, promovendo um ambiente de apoio e crescimento, para que o estudante possa aprender e amadurecer no seu caminho para a maturidade
5. As escolas Católicas devem sempre comunicar aberta e claramente, com todas as partes relacionadas com o estudante, cumprindo consistentemente o dever de proteger a sua privacidade e de manter a confidencialidade. Os líderes escolares, em particular, devem agir com verdade e caridade, com boa vontade e com absoluto respeito pela dignidade humana do estudante, da sua família e de todos os membros da comunidade.

Características católicas

- A missão e o objetivo da escola Católica devem orientar e dar forma à liderança escolar à medida que constrói uma comunidade de fé. Ao darem testemunho da vida Cristã, as comunidades escolares devem abraçar todos os que estão ao seu cuidado, incluindo os estudantes, e suas famílias, que estejam a levantar questões de identidade e género.
- Uma coerente compreensão da antropologia Cristã deve orientar e dar forma ao agir dos líderes escolares, à medida que proporcionam uma sólida formação a toda comunidade acerca de uma visão do mundo partilhada.
- É necessária uma visão comum e consistente para fundamentar respostas individuais aos estudantes que estão a levantar questões de identidade e género, e às suas famílias.
- Todos os membros da comunidade escolar Católica são convidados a explorar e a estarem abertos a uma compreensão da pessoa humana que seja consistente com os conhecimentos filosóficos, científicos e teológicos, dando testemunho do papel da fé e da razão.
- Todas as interações nas escolas Católicas devem ser fundamentadas nos princípios da solidariedade, participação e subsidiariedade:
 - As comunidades escolares Católicas são motivadas por um compromisso de **solidariedade**. O princípio da solidariedade é demonstrado por colegas na escola, trabalhando juntos para acompanhar os estudantes com inconformidade de género e as suas famílias.
 - O princípio da **participação** é realizado na experiência quotidiana dos líderes escolares que promovem um espírito de envolvimento inclusivo, sempre à procura de novas formas de abordar os problemas responsabilmente e de encorajar a comunicação aberta com todas as partes afetadas.
 - O princípio da **subsidiariedade** é um componente crucial a ter em conta na escola Católica sobre questões de género. É este princípio que protege a liberdade e a responsabilidade da escola Católica de salvaguardar a relação com o aluno que está a experimentar inconformidade de género no seu contexto local.²⁶ Essa relação não é, principalmente, dirigida por políticas e protocolos, ou gerida à distância; antes, é gerida, primeiramente e acima de

tudo, por indivíduos da comunidade escolar que mostrem paciência, caridade e sabedoria nas suas interações quotidianas.

Legislação

- As escolas Católicas devem respeitar, proteger e promover os direitos humanos autênticos.
- É ilegal discriminar uma pessoa com base na sua orientação sexual, identidade de género ou intersexualidade.²⁷
- Os líderes e colaboradores das escolas Católicas devem:
 - Ser informados sobre e observar a Legislação da Commonwealth e do Estado (ou Território);²⁸
 - Manter-se atualizados sobre as alterações na legislação e regulamentos/políticas de educação relativas a questões sobre discriminação sexual, orientação, identidade de género e intersexualidade;
 - Ter consciência das diferenças e convergências existentes entre as políticas governamentais e diocesanas.

Responsabilidades da Liderança Escolar

- Os líderes das escolas Católicas são responsáveis por:
 - Proporcionar formação específica e contínua aos colaboradores de toda a escola, incluindo a antropologia Cristã, a sexualidade humana, a missão da escola Católica e a literacia em saúde.
 - Alinhar políticas escolares relacionadas (ou seja, cuidados pastorais, anti-bullying, privacidade) e assegurar que os colaboradores compreendem as suas inter-relações e requisitos;
 - Procurar aconselhamento e apoio da sua autoridade de educação Católica;
 - Utilizar uma abordagem inclusiva de toda a escola para cumprir o seu dever de cuidado para com os estudantes;
 - Desenvolver protocolos claros e consensualizados de comunicação e caminho;
 - Usar uma linguagem precisa que seja compreendida e aplicada por todos os colaboradores;
- Designar um membro entre os colaboradores séniores para acompanhar e estabelecer ligação com os estudantes e as suas famílias e para gerir a resposta da escola.
- Estabelecer, conforme o caso, um grupo "comunidade de cuidados" onde necessário (talvez incluindo representantes de estudantes), para ajudar os estudantes e suas famílias e para estabelecer a ligação com as partes envolvidas.

- Apesar das complexidades e desafios inerentes à questão em causa, manter uma conversa contínua com os estudantes e as suas famílias, no qual todas as partes sejam convidadas a continuar o diálogo e a construção de relações.

Programação e provisão escolar

À luz destes princípios pastorais e protocolos práticos, empreender uma revisão das seguintes áreas tornará as escolas melhor posicionadas para lidar com a maioria dos assuntos que possam surgir se um estudante estiver a passar por um processo psicológico e/ou intervenção médica.

- Currículo - Educação Religiosa, Saúde e Educação Física, bem-estar e programas pastorais, educação sexual humana, desenvolvimento pessoal, programas de relacionamento respeitoso.
 - É importante que estes reflitam com precisão a antropologia Cristã, e tenham as mesmas interpretações e linguagem. Todas as áreas de aprendizagem e cuidados pastorais precisam de refletir um compromisso comum com a promoção duma visão do mundo cheia de esperança, onde cada estudante possa aprender e crescer para a plenitude da vida.
- Casas-de-banho e vestiários
 - Fornecer uma casa-de-banho e área de vestiário unissexo ou criar um espaço de banho privado e não orientado pelo sexo biológico aumenta as opções de acesso e a segurança de estudantes vulneráveis e pode aliviar as ansiedades.
- Uniformes escolares e códigos de vestuário
 - Oferecer flexibilidade nas ofertas de uniforme, atendendo à diversidade do corpo estudantil.
- Documentos e registos escolares
 - Assegurar que a política escolar estabelece que toda a documentação da escola registre o sexo biológico dos estudantes no momento de inscrição.
 - Assegurar o cumprimento rigoroso de leis de proteção de dados relativas à manutenção, armazenamento e divulgação de documentos e registos dos estudantes. Em casos individuais anotar o nome preferido do estudante, identidade e utilização de nomes pessoais nos registos escolares.
- Desportos escolares e educação física
 - É de suma importância que se dê atenção ao acesso e participação de todos os estudantes assegurando que os ambientes são inclusivos, seguros, justos e livres de discriminação.

- Em competições de um só sexo onde os estudantes tenham mais de 12 anos, pode ser lícito excluir um estudante de uma equipa onde a força, resistência ou capacidade física dos participantes seja relevante. Consultar as orientações da Commonwealth sobre a política actual.²⁹

- Campos escolares e eventos

- Há que ter consciência das necessidades únicas do estudante com inconformidade de género, provendo, assim, casas-de-banho apropriadas e locais para dormir onde todos os estudantes se sintam seguros e apoiados.

As escolas católicas estão bem posicionadas para lidar, de forma sensível e atenciosa, com as questões práticas acima referidas, mantendo em mente que a maioria dos estudantes a viver inconformidade de género pode não desejar, ou procurar uma intervenção médica para a transição.

"Aqueles que estão diretamente envolvidos na tomada de decisões e na gestão dos estudantes com disforia de género terão muito a contribuir para o desenvolvimento de processos adequados para as dioceses, gabinetes de educação e escolas. Bons processos ajudá-los-ão a permanecer concentrados na procura da verdade e no esforço para agir no melhor interesse dos estudantes; eles ajudarão a gerar um grau de confiança na possibilidade de uma situação complexa pode ser gerida com sucesso. Mas os melhores processos não podem substituir uma atitude fundamental de caridade e respeito, de cuidado e compaixão. Nesta matéria, como em tudo o que está relacionado com a educação Católica, não podemos fazer melhor do que estender a cada momento de cada dia o amor curativo de Jesus, que veio para que todos nós "pudéssemos ter vida, e tê-la em abundância"". ³⁰

D. Definições

Não podemos deixar de insistir na importância da linguagem. Uma sensibilidade para as palavras que serão incluídas e não incluídas no vocabulário da comunidade é altamente significativa nesta área específica.

Como as crianças e os adolescentes estão numa fase de desenvolvimento, de crescimento para a maturidade, a investigação confirma um grau de variação na auto percepção ao longo do tempo. Propõe-se uma escola com o compromisso de utilizar uma linguagem que reconheça e promova uma proposta de desenvolvimento integral. Usar rótulos que limitem a edificação da pessoa somente à identidade de género, restringe o pleno florescimento e crescimento para a plenitude.

Recomenda-se a utilização dos termos 'disforia de género' ou 'incongruência de género' quando referidos a estudantes, em vez de utilizar o termo 'transgénero'.

'Transgénero' significa do outro lado de: infere uma decisão fixa sobre a própria identidade.

Segue-se um glossário de palavras usadas com regularidade nesta área específica. A clarificação dos seus significados foi explorada e explicada para ajudar a lançar luz sobre as muitas perspetivas que podem estar simultaneamente presentes no mesmo ambiente.

Antropologia

No uso corrente, ‘antropologia’ significa a ciência dos seres humanos, incluindo a sua fisiologia e psicologia e como estas duas dimensões atuam uma sobre a outra. A visão Cristã da pessoa humana inclui todos os aspetos e dimensões da pessoa: física, espiritual, intelectual, emocional, social, psicológica, etc. Como a fé e a razão mutuamente se iluminam a antropologia Cristã incorpora também a ciência, como foi acima referido, mas oferece uma visão muito mais inclusiva e holística do que significa ser humano.

Binário, não-binário

O termo ‘binário’ é usado correntemente para descrever (e rejeitar) a alegação de que os seres humanos biologicamente são geralmente masculinos ou femininos. ‘Não-binário’ refere-se a uma identidade de género que não é masculina nem feminina. Quando isto ocorre por razões sociais (ou seja, não devido a incongruência de género), a pessoa pode identificar-se como ‘queer’ (‘Q’), ou ‘inconforme com o género’.

Na visão Cristã, os seres humanos como espécie, sempre foram considerados seres fundamentalmente binários - masculinos ou femininos³¹, não existindo a condição intersexual (ver a seguir). Ser biologicamente masculino ou feminino não determina como as pessoas se apresentam socialmente;³² o mesmo pode ser dito sobre o género não-binário, cuja apresentação não depende do sexo biológico e, portanto, não requer a rejeição deste facto.

Cisgénero

Comummente, este termo refere-se àqueles que acreditam que o seu sexo biológico é apenas uma categoria que lhes foi atribuída no nascimento e que o seu género corresponde ao seu sexo biológico (‘cis’ significa ‘do mesmo lado do que’).

A visão Cristã da pessoa humana reconhece o sexo biológico da pessoa como um dado fundante da sua personalidade, e não como uma categoria arbitrariamente atribuída; exceto na condição intersexo.³³ É aconselhável evitar o uso do termo ‘cisgénero’ uma vez que reflete um mal-entendido acerca da importância do sexo biológico.

Género

No seu uso comum, o termo género tem uma grande variedade de significados, o que pode ser uma fonte de confusão. Uma vez, refere-se ao sexo biológico de uma pessoa; outras vezes, para reforçar a autoestima psicológica de uma pessoa (género sentido, ou identidade de género); outras, ainda, ao modo como uma pessoa se apresenta ao mundo como um ser sexuado ou expressando o seu género

(seja binário ou não binário). Muitas vezes é difícil saber qual o significado pretendido. Por exemplo, é por vezes sugerido que, como o género ou identidade de género de uma pessoa não tem qualquer relação com o seu sexo biológico, o género pode mudar muitas vezes durante a vida.

Na visão Cristã, 'género' é distinto de, mas sempre relacionado com o 'sexo' biológico de uma pessoa. Mesmo quando é utilizado para se referir ao sentido psicológico da identidade pessoal, como distinto do seu sexo biológico, o género é, no entanto, fundamentado ou referido ao sexo biológico.

Nem todas as pessoas do mesmo sexo experimentam o seu género, ou o vivem, da mesma maneira. Embora haja uma ampla variedade de maneiras de ser 'masculino' ou 'feminino', cada uma tem como fundamento a herança biológica da pessoa. Mesmo o conceito de ser "incongruente com o género" faz referência a um sexo biológico com o qual a pessoa sente desconforto ou angústia.

A visão Cristã vê a pessoa inteira em todos os aspetos da sua humanidade afastando-se de uma linguagem que reduz a pessoa apenas ao seu género. O substantivo 'sexo' refere-se a uma pessoa biologicamente masculina ou feminina. Uma escola regista o sexo do estudante, que não pode mudar. O género sentido, que pode mudar várias vezes, pode ser anotado no registro escolar, mas não substitui o sexo.

Incongruência de género

No uso comum, refere-se a uma diferença sentida entre o sexo de uma pessoa e o seu género, causando um sentimento de desconforto ou 'incompatibilidade'. Quando este desconforto causa uma angústia tal que impede a pessoa de funcionar bem, é frequentemente usado o termo "disforia de género".³⁴ A visão Cristã reconhece a evidência médica de que a "incongruência de género" tem uma forte dimensão psicológica.

Intersexo

Estritamente falando, 'intersexo' refere-se a pessoas nascidas com características sexuais biológicas indeterminadas (ou seja, cromossomas, hormonas, órgãos reprodutores internos, genitália externa e/ou características sexuais secundárias), de tal modo que é difícil ou impossível de saber, à vista, se um indivíduo é biologicamente masculino ou feminino. Muitas vezes é necessário realizar um teste genético. Há várias condições médicas reconhecidas que se qualificam como 'intersexo'.³⁵

Na nossa visão Cristã, temos o cuidado de notar que as condições 'intersexo' são de natureza médica e não de natureza psicológica.

Sexo (n.)

Como é vulgarmente usado, 'sexo', por vezes refere-se ao sexo biológico (masculino ou feminino), por vezes à ideia que a pessoa tem sobre si própria ('género'), e por vezes, ainda, ao modo como se manifesta ou apresenta aos outros, ou como se 'autoidentifica' ('identidade de género').

Na visão Cristã, o substantivo ‘sexo’ refere-se apenas à herança biológica de uma pessoa como homem ou mulher. A vida humana é de natureza biologicamente binária, mesmo que não existam dois homens ou duas mulheres a experienciar ou exprimir o seu sexo biológico exatamente da mesma forma.

Sexualidade

Comummente, a ‘sexualidade’ pode referir-se aos sistemas inter-relacionados de cromossomas, hormonas, órgãos reprodutores internos, órgãos genitais externos e características sexuais secundárias de uma pessoa.³⁶ Em termos LGBTQ, a ‘sexualidade’ é geralmente referida simplesmente à orientação sexual de uma pessoa como lésbica, gay ou bissexual (L, G ou B).

Em termos Cristãos, a ‘sexualidade’ tem um significado muito mais amplo e holístico. Refere-se a todos os aspetos da pessoa humana como um ser físico e espiritual, incluindo as suas dimensões físicas, intelectuais, espirituais, sociais e psicológicas, uma vez que estas se relacionam e moldam a sua necessidade natural de formar e sustentar relacionamentos pessoais significativos de todos os tipos, mas especialmente orientados para o bem do casamento e do florescimento familiar.³⁷

Transgénero, ‘trans’

No uso comum, este termo é utilizado para descrever as pessoas que acreditam que o seu género não corresponde com o seu sexo biológico e, para além disso, que o seu sexo biológico é meramente uma categoria que lhes foi ‘atribuída’ no nascimento (‘trans’ significa ‘do outro lado de’). Mais especificamente refere-se a pessoas que fizeram a ‘transição’ (quer medicamente, cirurgicamente ou apenas socialmente) para o seu género preferido.

A visão Cristã insiste num significado mais focado: deve apenas ser utilizado para descrever pessoas que realizaram a transição de género, quer médica, cirúrgica ou socialmente, numa forma mais ou menos permanente. Não deve ser utilizado para crianças ou adolescentes de qualquer idade que estejam ‘testando’ uma nova apresentação do seu género (por exemplo, transição social temporária para um novo género), porque arrisca-se a ‘rotular’ os jovens no que pode ser uma falsa perceção de si mesmos.

Transição

No uso corrente, ‘transição’ é o processo que uma pessoa realiza para ‘mudar’ o seu género de modo a não mais corresponder ao seu sexo biológico. Os processos de transição podem ser hormonais (por exemplo, hormonas tomadas para adotar características físicas do outro sexo), cirúrgicos (por exemplo, peito ou remodelação genital) e sociais (sem processos médicos ou cirúrgicos, mudando-se apenas o vestir, a aparência, o nome, ou a maneira como quer ser chamado). Quando uma pessoa faz a transição e depois faz a transição de volta diz-se que realizou um processo de ‘destransição’

A visão Cristã tem o cuidado de notar que qualquer 'transição' está apenas relacionada com a apresentação de género e não com o 'sexo' da pessoa, que é um dado biológico permanente, não podendo ser alterado quer por tratamentos hormonais, quer por cirurgia.

Notas de Rodapé

- 1 Significativamente, o Papa Francisco rejeita qualquer ideologia do género que "nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo, e esvazia a base antropológica da família. Esta ideologia leva a projetos educativos e diretrizes legislativas que promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afetiva radicalmente desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher. A identidade humana é determinada por uma opção individualista, que também muda com o tempo." *Amoris Laetitia*, 56
- 2 Hewitt (2012); Vickery (2015) & O'Leary (2017) em Parkinson (2017). Algumas estimativas citam um aumento de 500% (Parkinson (2020) CEWA Webinar). A investigação internacional mostra que o número de consultas em clínicas nos últimos 30 anos aumentou vinte vezes (Wiepjes et al 2018).
- 3 Simons et al (2014).
- 4 McPhate et al (2021).
- 5 *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5ª ed) (DSM-V).
- 6 Tais políticas e protocolos devem ser aprovados pelo Bispo e/ou legítima autoridade governante e atualizada com a sua aprovação.
- 7 Hewitt (2012); Steensma (2013); Vickery (2015); Kozłowska (2021).
- 8 Kaltiala-Heino (2018).
- 9 Ristori & Steensma (2016), Singh et al (2010), Steensma et al (2010), Zucker (2018).
- 10 "A identidade de género é um processo multifatorial envolvendo tanto variáveis pré-natais como pós-natais. O desenvolvimento psicosssexual é influenciado por múltiplos fatores, tais como a exposição a andrógenos, genes cromossómicos sexuais, circunstâncias sociais e dinâmicas familiares". Ver Öçal, Gönül (2011).
- 11 Génesis 1, 27.
- 12 Ibid.
- 13 Jo 15,15, Catecismo da Igreja Católica 1; 1878.
- 14 Ibid.
- 15 Génesis 1, 31.
- 16 *Laudato Si*, 5.

- 17** Para uma explicação do modelo de afirmação do género baseado na psicologia crítica, ver Damien W Riggs (2019), *Working with Transgender Young People and Their Families*.
- 18** Bizic et al (2018).
- 19** Kozłowska (2021).
- 20** Ver Kaltiala-Heino Rantakerttu et al (2018), Kozłowska (2021), Vrouenraets, L.J. et al (2015).
- 21** Ver Kozłowska (2021).
- 22** Ver Parkinson (2021).
- 23** Ver Kozłowska (2021).
- 24** Ver Telfer (2018).
- 25** *Laudato Si* , 121 (2015).
- 26** *The Identity of the Catholic School for a Culture of Dialogue* (2022), #92.
- 27** Assegurar, através de políticas e cuidados pastorais, que qualquer estudante não está sujeito a bullying, assédio e/ou discriminação, quer direta quer indiretamente.
- 28** A legislação relevante da Commonwealth inclui a Lei Australiana da Comissão dos Direitos Humanos (1986); a Lei da Discriminação Sexual (1984); e a Alteração a Lei sobre a Discriminação Sexual (Lei sobre Orientação Sexual, Identidade de Género e Intersexo 2013).
- 29** Comissão Australiana dos Direitos Humanos (2019) publicações. Ver Recursos.
- 30** Parkinson (2017).
- 31** Génesis 1, 27; CCC 2331.
- 32** CCC 2333.
- 33** CCC 2333.
- 34** Ambas as condições estão listadas no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5ª ed.) (DSM-V).
- 35** Ver Jones T et al (2016) em Recursos.
- 36** A sexualidade humana envolve sistemas relacionados de cromossomas, hormonas, órgãos reprodutores internos, órgãos genitais externos e características sexuais secundárias. A investigação médica e na área da saúde tem avançado continuamente na perceção da complexidade das relações entre estes fatores, e na compreensão do modo como eles interagem com experiências sociais positivas e negativas a partir do nascimento. Ver Kaltiala-Heino et al (2018), Saleem, Fatima et al (2017) & Baudewijntje P.C et al (2016) em Recursos.
- 37** CCC 2332-2333.

E. Recursos

Allen, Sr Mary Prudence (2014), 'Gender Reality', *Solidarity: The Journal of Catholic Social Thought and Secular Ethics*, 4(1). Online at <http://researchonline.nd.edu.au/solidarity/vol4/iss1/1>

American College of Pediatricians (2017), *Gender Dysphoria in Children*. Online at <https://eds.a.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=7&sid=39983c83-e3be-46a8-8257-3ec0c92d046d%40sessionmgr4006>

American Psychiatric Association (2013a), *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, 5th edition [DSM-V].

American Psychiatric Association (2013b), *What is Gender Dysphoria?* Online at <https://www.psychiatry.org/patientsfamilies/gender-dysphoria/what-is-gender-dysphoria>

Anderson RT (2018), *When Harry Became Sally: Responding to the Transgender Moment*, Encounter Books, New York.

Ashley BM, deBlois JK and O'Rourke KD (2006), *Health Care Ethics, A Catholic Theological Analysis*, 5th edition, Georgetown University Press, Washington DC.

Australian Human Rights Commission (2019), *Guidelines for the inclusion of transgender and gender diverse persons in the inclusion of sport*. Online at <https://humanrights.gov.au/ourwork/lgbti/publications/guidelines-inclusion-transgender-andgender-diverse-people-sport-2019> See also <https://humanrights.gov.au/our-work/lgbti/publications/guidelines->

Bizic, Marta, et al (2018), "Gender Dysphoria: Bioethical Aspects of Medical Treatment", in *BioMed Research International*. Online at <https://doi.org/10.1155/2018/9652305>

Catechism of the Catholic Church (1994), St Pauls Publications Strathfield NSW. See especially #362–368, with particular reference to #365. See also #2332 and #2334. Online at www.vatican.va/archive/ENG0015/_INDEX.HTM

Cohen-Kettenis, PT et al (2008), 'The treatment of adolescent transsexuals: Changing insights', in *Journal of Sexual Medicine* (5), pp 1892–1897. Online at [http://www.jsm.isexmed.org/article/S1743-6095\(15\)32124-X/fulltext](http://www.jsm.isexmed.org/article/S1743-6095(15)32124-X/fulltext)

Congregation for Catholic Education (for Educational Institutions) (2022) *The Identity of the Catholic School for A Culture of Dialogue. Instruction* Online at https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_2022_0125_istruzione-identita-scuola-cattolica_en.html,

–,(2019), *Male and Female He created them: Towards a path of dialogue on the question of gender theory in education*. Online at https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_2019_0202_maschio-efemmina_en.pdf

Congregation for the Doctrine of Faith (1975), *Persona Humana*. Online at https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_1975129_personahumana_en.html

Drummond KD, Bradley SJ, Peterson-Badali M and Zucker KJ (2008), 'A follow-up study of girls with gender identity disorder', in *Developmental Psychology*, 44(1), pp 34–45. Online at <https://doi.org/10.1037/0012-1649.44.1.34>

Fitzgerald K SJ (2016), 'Viewing the transgender issue from the Catholic and personalized health care perspectives', in *Health Progress*, Winter.

Francis, (Pope) (2016) *Amoris Laetitia: Post-Synodal Apostolic Exhortation on Love in the Family* https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_en.pdf

–, (2020) *Encyclical Fratelli Tutti: On Fraternity and Social Friendship* https://www.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclicafratelli-tutti.html

–, (2015) *Encyclical Laudato Si: Care for Our Common Home* https://www.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

Green R (1987), *The 'Sissy Boy Syndrome' and the Development of Homosexuality*, Yale University Press, New Haven, CT.

Hembree WC et al (2009), 'Endocrine treatment of transsexual persons: An Endocrine Society clinical practice guideline', in *The Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism*, 94(9) September, pp 3132–54. Online at <http://www.cpath.ca/wpcontent/uploads/2009/12/JCEM-20099493132-3154.pdf>

Hewitt JK et al (2012), 'Hormone treatment of gender identity disorder in a cohort of children and adolescents', in *Medical Journal of Australia* 196(9) 21 May, pp 578–581. Online at https://www.researchgate.net/publication/225057369_Hormone_treatment_of_gender_identitysorder_in_a_cohort_of_children_and_adolescents

John Paul II (1980), 'The Nuptial Meaning of the Body', *General Audience* 9th January. Online http://www.vatican.va/content/johnpaulii/en/audiences/1980/documents/hf_jpii_aud_19800109.html

John Paul II (2006), *Man and Woman He Created Them: A Theology of the Body*, Translated by Michael Waldstein, Pauline Books, Boston.

Jones T et al (2016), *Intersex: Stories and Statistics from Australia*. Openbook Publishers, Cambridge UK. Online at <https://interactadvocates.org/wp-content/uploads/2016/01/Intersex-Stories-Statistics-Australia.pdf>

Kaltiala-Heino, Riittakerttu et al (2018), 'Gender dysphoria in adolescence: current perspectives', in *Adolescent Health, Medicine and Therapeutics* 2018:9. 31-41.

Kosky R (1987), 'Gender-disordered children: does in-patient treatment help?', *Medical Journal of Australia*, 146 June, pp 565–69.

Kozłowska, Kasia et al (2021), 'Australian children and adolescents with gender dysphoria: Clinical presentations and challenges experienced by a multidisciplinary team and gender service', in *Human Systems: Therapy, Culture and Attachments* (2021) 0(0)1-26. Doi 10.1177/26344041211010777

Mayer LS et al (2016), 'Sexuality and gender: Findings from the biological, psychological and social sciences', in *The New Atlantis*, 50 (Fall). Online at http://www.thenewatlantis.com/docLib/20160819_TNA50SexualityandGender.pdf

McPhate L et al (2021) 'Gender variance in Children and Adolescents with Neurodevelopmental and Psychiatric Conditions' in *Archives of Sexual Behaviour*, 202150:863-871 <https://doi.org/10.1007/s10508-021-01918-9>

Öçal, Gönül (2011). 'Current concepts in disorders of sexual development', *Journal of Clinical Research in Pediatric Endocrinology* 2011 Sept; 3(3): 105-114. Online at <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21911322>

Parkinson Joseph (2017), 'Preparing Catholic schools to care for gender dysphoric students', unpublished (monograph). Online at <https://cevn.cecv.catholic.edu.au/Melb/Document-File/Catholic-Identity/Identity-and-Growth/Preparing-Catholic-Schools-to-Carefor-Gender-Dysp.aspx>

–, (2018), 'Identity and growth: Honouring the sacred dignity of all', keynote presentations (video series) at professional learning days, Catholic Education Melbourne, October. Online at <https://cevn.cecv.catholic.edu.au/Melb/Document-File/Catholic-Identity/Identity-and-Growth/Preparing-Catholic-Schools-to-Care-for-Gender-Dysp.aspx>

–, (2021) Update Gender Incongruence in Children and Adolescents unpublished (addendum to monograph). Online at <https://cevn.cecv.catholic.edu.au/Melb/Document-File/CatholicIdentity/Identity-and-Growth/Preparing-Catholic-Schools-to-Carefor-Gender-Dysp.aspx>

Parkinson, Patrick (nd), 'The controversy over the Safe Schools Program – Finding the sensible centre', Legal Studies Research Paper 16/83, Sydney Law School. Online at https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2839084

Riggs, Damien W (2019), *Working with Transgender Young People and their Families. A Critical Developmental Approach*. Palgrave/MacMillan

Ristori J and Steensma TD (2016), 'Gender dysphoria in childhood', in *International Review of Psychiatry*, (28)1, pp 13–20. Online at <http://dx.doi.org/10.3109/09540261.2015.1115754>

Sacred Congregation for Catholic Education (1983), Educational Guidance in Human Love: Outlines for Sex Education. Online at https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_1983_1101_sexualeducation_en.html

Second Vatican Council (1965), *Gaudium et spes: Pastoral Constitution on the Church in the Modern World*. Online at http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_cons_19651207_gaudium-et-spes_en.html

Simons LK, Leibowitz SF, Hidalgo MA. (2014), 'Understanding gender variance in children and adolescents'. *Pediatr Ann*. 2014 Jun; 43(6):e126-31. doi: 10.3928/00904481-20140522-07. PMID:24972420

Singh D, Bradley SJ and Zucker KJ (2010), 'A follow-up study of boys with gender identity disorder. Paper presented at the University of Lethbridge Workshop' (June), *The Puzzle of Sexual Orientation: What Is It and How Does It Work?*, Lethbridge AB, Canada.

Spack NP et al (2012), 'Children and adolescents with gender identity disorder referred to a pediatric medical center', in *Pediatrics*, 129, pp 418–425. Online at <http://pediatrics.aappublications.org/content/pediatrics/early/2012/02/15/peds.2011-0907.full.pdf>

Steensma TD (2013), 'From gender variant to gender dysphoria: Psychosexual development of gender atypical children and adolescents', Dissertation, Vrije Universiteit Amsterdam. Online at <http://dare.ubvu.vu.nl/handle/1871/40250>

Steensma TD and Cohen-Kettenis PT (2011), 'Gender transitioning before puberty?', *Archives of Sexual Behaviour* (40), pp 649–50. Online at <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21373942>

Steensma TD, Biemond R, de Boer F and Cohen-Kettenis PT (2010), 'Desisting and persisting gender dysphoria after childhood: A qualitative follow-up study', in *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 16(4), pp 499–516. Online at <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21216800>

Telfer, M M et al (2018), 'Australian standards of care and treatment guidelines for transgender and gender diverse children and adolescents', *MJA* 209(3): 132-136.

Tobin B (2017), 'Sex and gender: two views', *Bioethics Outlook*, March.

Tonti-Filippini N (2012), Gender reassignment and Catholic schools, *National Catholic Bioethics Quarterly*, 12(1), Spring, pp 85–98.

Vickery K (2015), 'Perth transgender clinic sees 26 children a year', *PerthNow*, 13 June. Online at <http://www.perthnow.com.au/lifestyle/perth-transgender-clinic-sees-26-children-ayear/newsstory/c2907ff5af7191ac5b0c36ee59f86c24>

Vrouenraets, L.J. et al (2015), 'Early Medical Treatment of Children and Adolescents with Gender Dysphoria: An Empirical Ethical Study'. *Journal of Adolescent Health* 57(4) October 2015. 367-373.

Wallien MS and Cohen-Kettenis PT (2008), 'Psychosexual outcome of gender-dysphoric children', *Journal of American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 47, pp. 1413–1423. <https://doi:10.1097/CHI.0b013e31818956b9>

Wiepjes CM, Nota NM and de Blok CJM (2018), 'The Amsterdam cohort of gender dysphoria study (1972-2015): Trends in prevalence, treatment and regrets', *The Journal of Sex Medicine*, 15(4), pp 582–590. <https://doi:10.1016/j.jsxm.2018.01.016>

Zucker KJ (2018), 'The myth of persistence: Response to a critical on follow-up studies and “Desistance” theories about transgender and gender non-conforming children', *International Journal of Transgenderism*. Online at <https://doi:10.1080/15532739.2018.1468293>

Zucker KJ (2008), 'On the “natural history” of gender identity disorder in children' [Editorial], *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 47, pp 1361–1363.